

GRANJA

É fácil entender porque o Espírito Santo está agora nesse assanhamento de progresso. É fácil porque tudo que estão fazendo estava "na cara". Existem todas as condições para fazer deste pequeno Estado um centro industrial de grande importância. O que é difícil é imaginar por que marcamos passo tanto tempo. Pode-se dizer, entretanto, que desde o governo do conde Jerônimo Monteiro o Estado crescia quase vegetativamente, sem iniciativas corajosas para enfrentar as próprias possibilidades.

É claro que a animação atual é possível, antes de tudo, por causa do preço do café. "Lavoura é café" — dizia, quando eu era menino, na varanda de minha casa, um velho sitiante. E fui criado na crença desse princípio singelo que a crise de 1930 pareceu tornar funesto. Pois novamente "lavoura é café". Sem o respaldo da exportação do café a preços maravilhosos, onde iria o governo de hoje ter peito para pensar em asfaltar e abrir estradas e em contratar esses alemães da A. E. G. para erguer essa barragem do Rio Bonito onde passeio com o engenheiro Müller, que nos promete para breve mais 24 mil cavalos vapor? Com essa energia será possível a grande siderúrgica de Vitória. E onde irá parar essa cidade, com seu bom porto e o comércio a bem dizer escorrendo de Minas? Que o café se sustente e todo o plano hidrelétrico muito mais ambicioso do governo estadual poderá ir para diante. Algumas das descobertas mais importantes de nosso subsolo são recentes, como o manganês. Estamos aqui, entre o Norte e o Sul do Brasil, ao lado do mar, e somos ainda em grande parte um mistério. Por que diabo se pesquisa petróleo nos cafundós do Amazonas quando a grande planura do Norte do Estado é de formação idêntica à da região baiana onde já se achou petróleo?

Deixo esta pergunta aos senhores da Petrobrás, volto no meu jipe de Rio Bonito para Santa Leopoldina e agora demando Santa Teresa, mas faço um parada agrônômica. Mais de 77 por cento dos capixabas vivem na roça; a roça é a nossa grande realidade, e sua tristeza é a mesma tristeza geral de todas as roças do Brasil. Mas, mesmo fora da transitória euforia cafeeira (que no momento é também cacaueteira) há algumas esperanças brilhando na noite dessas tristezas. Aqui, como em toda a parte, depredamos a terra; fizemos da lavoura, como já se disse, uma indústria quase extrativa...

Mas no Sul do Estado já vi um Vivacqua plantando café em curva de nível, e plantando em mudinhas carinhosamente envoltas em cilindros de laminado. Aqui visito por acaso uma fazenda e tenho uma boa surpresa. Radagázio Vervloet (a pronúncia local, não sei se certa ou errada, é "Verliut"), descendente de pioneiros da imigração, moço agrônomo, pegou essa propriedade de recreio de seu pai e está produzindo e vendendo mudas não só para o Espírito Santo como para outros Estados. Mudas de 2 anos de café caturra a 60 centavos lhe dão bom dinheiro; produz mais de ... 100.000 por ano. Mudas de citrus, roseiras, árvores ornamentais, inúmeras fruteiras. O que é importante no caso não é a Granja Vervloet em si, é a influência cada vez maior que ela exerce nos lavradores das vizinhanças, essa gente longamente rotineira que trabalha a vida inteira estas terras meio ingratas de montanha. Aqui só de ver, eles aprendem muita coisa, e aplicam o que aprendem, porque sabem que assim farão mais dinheiro. Por que uma propriedade particular tem essa irradiação, essa importância que muita fazenda modelo do Estado não tem?

Discutimos o caso e chegamos a uma conclusão: o Espírito Santo forma agrônomos para S. Paulo e outros Estados. Eles aqui, trabalhando para o Estado, ganham 4.800 cruzeiros. Alguém em S. Paulo lhes acena com 7.000 e lá se vão eles. A mudança freqüente de agrônomos torna impossível o bom funcionamento nas melhores iniciativas do governo. O jovem Vervloet vai para a frente porque tem terra. Por que não dar ou não facilitar a cada agrônomo realmente disposto a se meter na roça um bom pedaço de terra? O lavrador só aprende vendo; a grande lição quem lhe dá não é o técnico transeunte, é a lavoura do vizinho. E por que no Brasil os homens mais vitalmente úteis, os de trabalho mais sério — os indispensáveis, os vitais — ganham tão pouco, tão horrivelmente menos que milhares e milhares de burocratas, de especuladores, de aventureiros, de "chepeiros", de parasitas de toda ordem? Antes de fixar o lavrador ao solo — precisamos fixar o agrônomo... A bela granja do moço Vervloet está aqui provando isso.

29/1/54

R. B.